



Universidade Federal  
de Campina Grande

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**BYANKA ALVES DE ANDRADE SOUSA**

**MODERNIDADE LÍQUIDA E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A  
RELAÇÃO TERAPÊUTICA**

CAMPINA GRANDE

2018

BYANKA ALVES DE ANDRADE SOUSA

**MODERNIDADE LÍQUIDA E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A  
RELAÇÃO TERAPÊUTICA**

Trabalho de conclusão de curso  
realizado como requisito para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Psicologia da Universidade Federal de  
Campina Grande – UFCG.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima.

CAMPINA GRANDE

2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro  
Silva, CCBS/UFCG**

S725m

Sousa, Byanka Alves de Andrade Sousa.

Modernidade Líquida e suas possíveis implicações na relação terapêutica /  
Byanka Alves de Andrade Sousa. – Campina Grande: o autor, 2018.

21 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da  
Saúde.

Referências.

Orientadora: Prof. Flávio Lúcio Almeida Lima, Dr.

1 Relação terapêutica. 2. Modernidade líquida. 3. Abordagem centrada na  
pessoa. I Autor. II. Lima, Flávio Lúcio Almeida (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

**Responsabilidade técnica - catalogação:  
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

**TERMO DE APROVAÇÃO**

**BYANKA ALVES DE ANDRADE SOUZA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

**APROVADO EM:** 05/12/2018

BANCA EXAMINADORA:

Flávio Lúcio Almeida Lima

Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima

Orientador – Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Regina Lígia W. de Azevedo

Prof.ª Dra. Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Virginia Teles Carneiro

Prof.ª Dra. Virginia Teles Carneiro

Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

CAMPINA GRANDE – PB

2018

A todos aqueles que seguem insistindo na poesia de solidez e encontro que é a relação terapêutica. Eu vos saúdo!

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a Deus, que foi amparo, inspiração e descanso durante esta caminhada.

Aos meus pais, por todo investimento e incentivo. Vocês são minha luz!

Ao meu companheiro, melhor amigo e namorado Matheus, por ter estado inteiramente ao meu lado inundando-me de apoio para vencer essa etapa da vida acadêmica. Obrigada por nunca ter deixado de acreditar!

Ao meu orientador Prof. Dr. Flávio Lúcio Almeida Lima, pelo suporte, correções e empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

Aos os docentes da unidade acadêmica de psicologia da universidade federal de campina grande que atravessaram minha formação e deixaram de forma única e peculiar suas marcas.

Em especial, a Prof. Dra. Virginia Teles Carneiro, por ter apresentado-me a Abordagem Centrada na Pessoa e me auxiliado no árduo caminho de torna-se terapeuta. Obrigada por todas as vezes que você foi braço estendido nesta etapa!

Ao meu incrível time de companheiras de estágio. A força de vocês me encoraja!

A todos grandes amigos que encontrei na graduação que representam cuidado e afeto. Em especial, Camila Melo, Camilla Marques, Danielle, Eliard, João Gabriel, Viviane, Iris. Vocês foram luz em dias de caos!

A quem não mencionei, mas me tocou nesta graduação, tem um pouco de vocês também em mim! Gratidão!

Que venha o futuro!

**RESUMO:** Uma efemeridade paira sobre os relacionamentos humanos, que se configuram a partir de uma espécie de modernidade líquida, fluida, superficial e que encaminha os sujeitos cada vez mais à individualidade e ao isolamento. Sob esse viés, pode-se considerar que o homem atual desenvolve relações superficiais que pouco denotam sua experiência trazendo um fechamento em si. Diante disso, o presente trabalho parte da compreensão que a construção da subjetividade ocorre de maneira histórico-dialética, ou seja, pauta-se na história e funcionamento social em que se está inserido. Desse modo, a partir da realização de uma pesquisa bibliográfica do tipo narrativo de caráter exploratório, que intercepta principalmente as proposições teóricas de Zygmunt Bauman acerca da pós-modernidade e Carl Rogers no que concerne a relação terapêutica proposta pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Objetivamos discutir em que medida o funcionamento da modernidade líquida, configurada pela fluidez nos relacionamentos e identidades, infiltra-se na relação terapêutica proposta pela ACP. Os resultados apontam uma possível rigidez ao encontro terapêutico, por este, convocar os envolvidos a lida com uma proposta totalmente opostora ao funcionamento que a modernidade líquida impõe aos sujeitos. Contudo, observa-se que o desafio que a liquidez moderna lança ao que propõe a psicoterapia rogeriana não é capaz de capturar a potência da clínica rogeriana.

**Palavras-chave:** Relação terapêutica; Modernidade Líquida; Abordagem centrada na pessoa.

**ABSTRACT:** An ephemerality hangs over human relationships, which are shaped by a kind of liquid modernity, fluid, superficial and that directs subjects more and more to individuality and isolation. Under this bias, it can be considered that the present man develops superficial relations that little denote his experience bringing a closure in itself. Thus, the present work starts from the understanding that the construction of subjectivity occurs in a historical-dialectical way, that is, it is based on the history and social functioning in which it is inserted. Thus, based on a bibliographic research of the narrative type of exploratory character, which intercepts mainly the theoretical propositions of Zygmunt Bauman on postmodernity and Carl Rogers regarding the therapeutic relationship proposed by the Person Centered Approach (ACP) . We aim to discuss to what extent the functioning of liquid modernity, shaped by the fluidity of relationships and identities, infiltrates the therapeutic relationship proposed by the ACP. The results indicate a possible

rigidity to the therapeutic encounter, by this, summoning those involved deals with a totally oppositional proposal to the functioning that liquidity imposes on the subjects. However, it is observed that the challenge posed by modern liquidity to what is proposed by Rogerian psychotherapy is not capable of capturing the power of the Rogerian clinic.

**Keywords:** Therapeutic relationship; Liquid Modernity; Person-centered approach.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. A LIQUIDEZ MODERNA EM BAUMAN E SUAS REPERCUSSÕES NA SUBJETIVIDADE HUMANA .....</b>	<b>10</b>
<b>3. O SOFRIMENTO PSÍQUICO E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA DE CARL ROGERS .....</b>	<b>14</b>
<b>4. AS IMPLICAÇÕES DA LIQUIDEZ MODERNA BAUMANRIANA NO <i>SETTING</i> TERAPÊUTICO ROGERIANO .....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Tomando como pressuposto a natureza social do ser humano, pode-se considerar que a cultura pós-moderna exerce grande influência sobre a subjetividade e, conseqüentemente, sobre sua forma de estabelecer vínculos. Os sujeitos contemporâneos têm suas relações marcadas por contornos de fragilidade advindas, principalmente, da velocidade de funcionamento que a forma capitalista do mundo solicita.

Em vista disso, uma efemeridade paira sobre os relacionamentos humanos que se forjam a partir de uma espécie de modernidade líquida, fluida, superficial, desapegada de compromissos sociopolíticos, pautada em um consumismo exacerbado. Tal contexto impele os sujeitos a concentrar seus focos no consumo, sem pensar nas conseqüências de suas compulsões e encaminhando-se, cada vez mais, à individualidade e ao isolamento afetivo como formas de proteção (BAUMAN, 1998). Sob esse viés, pode-se considerar que o homem atual desenvolve relações superficiais que pouco denotam sua experiência, trazendo com isso um fechamento em si.

Neste cenário, torna-se difícil a solidez nas relações, o que pode repercutir na produção de formas de sofrimento psíquico. Sofrimento este, motivador, muitas vezes, da busca pela psicoterapia. Segundo Rogers (1977) e a psicologia humanista, o homem é inerentemente relacional, pois é através de uma relação de abertura à experiência que o crescimento psicológico acontece. A psicoterapia, então, é a relação por excelência que busca a experiência humana em sua essência, é o lugar de abertura existencial ao outro. Todavia, como desenvolver um processo psicoterápico em um contexto cultural de relações líquidas que pouco traduzem essa experiência em sua essência? É nessa problemática que se configura o desafio para a realização do processo psicoterápico. Uma vez que, dentro deste contexto, no qual não há tempo para deparar-se com o outro, nem muita familiaridade na lida com vínculos que possibilitem e estimulem uma existência instituída tão somente em uma liberdade experiencial, a psicoterapia posiciona-se convocando encontro, solidez e autenticidade.

Desse modo, somando a compreensão que a construção da subjetividade ocorre de maneira histórico-dialética, ou seja, pautada na história e funcionamento social em que se vive, o presente estudo propõe relacionar as proposições teóricas de Zygmunt Bauman (2000; 2004; 2007; 2008; 2011) acerca da pós-modernidade e Carl Rogers (1951; 1977) no que concerne da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e sua visão de psicoterapia. Tem-se como intento maior discutir as implicações da modernidade líquida em Bauman para a psicoterapia

centrada na pessoa de Carl Rogers. Salienta-se que tal reflexão é necessária não somente por agregar conhecimento ao campo das psicoterapias, sobretudo a ACP, mas também por fomentar discussão da influência sociocultural na construção da subjetividade. Assim, o trabalho justifica-se por se tratar de uma proposta que ultrapassa os muros de uma matriz de pensamento psicológico, tocando a psicologia e suas práticas de maneira ampla, sobretudo, a psicologia clínica.

O estudo se pauta numa pesquisa bibliográfica do tipo narrativa, de caráter exploratório que, conforme Rother (2007) têm papel fundamental para a educação continuada, pois permite ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo. Para tanto, foi utilizado como fonte de dados publicações científicas (artigos, livros, monografias, dissertações e teses) adquiridas por meio de plataformas e/ou sites de busca científica (Google Acadêmico, Scielo, Lilacs e Capes).

Diante disso, optou-se por desenvolver a discussão, inicialmente, pelo que coloca Bauman (2000) sobre a liquidez das relações na contemporaneidade e suas repercussões na subjetividade e relacionamentos atuais. Em seguida, pelos apontamentos da teoria rogeriana a respeito do sofrimento psíquico no mundo contemporâneo e como desenvolve-se a psicoterapia na Abordagem Centrada na Pessoa. E, por último, o debate acerca da possível relação e efeitos da liquidez pós-moderna no processo psicoterápico proposto na ACP, contribuindo na construção de reflexões que ressaltam o potencial da clínica rogeriana no mundo atual.

## **2. A LIQUIDEZ MODERNA EM BAUMAN E SUAS REPERCUSSÕES NA SUBJETIVIDADE HUMANA**

A pós-modernidade possui enquanto uma das mais evidentes características de seu contorno, a liquidez. Nesse sentido, falar de pós-modernidade, implica falar sobre um mundo repleto de sinais confusos, propensos a mudar com rapidez e de forma imprevisível (BAUMAN, 2004). Este tempo histórico, marcado pela transitoriedade e aceleração, repercute na constituição das identidades dos sujeitos. Desse modo, discutir sobre o homem pós-moderno, é abordar um sujeito que lida com a fluidez, o individualismo e a efemeridade em suas relações de forma direta e constante.

Para Bauman (2000), o modo de funcionar pós-moderno, acelerado, rotatório, consumista e essencialmente virtual, exerce influência sobre o modo de ser no mundo dos sujeitos. A partir da primeira metade do século XX, com o avanço das tecnologias, fomos

encaminhados a uma lida diária com a instantaneidade. Dessa maneira, quem somos e como nos relacionamos é atravessado diretamente por esse modo líquido de ser.

Portanto, pode-se afirmar que as relações hoje são reconfiguradas, sujeitando-se aos pilares do consumismo, caracterizado pelo uso e descarte frenético de bens. Conforme Berman (1987), o uso cada vez mais veemente de maquinários e a aceleração do ritmo de vida do trabalhador alteraram drasticamente o modo como as pessoas passaram a relacionar-se entre si, configurando uma sociedade voltada para o consumo.

Em tal conjuntura, o outro torna-se mais uma mercadoria disponível para ser consumida, e os relacionamentos, de certa forma, tornam-se influenciados pela lógica mercadológica e consumista. No momento em que o indivíduo assemelha o outro de suas relações aos seus objetos de consumo, o “descarte” torna-se algo naturalizado. Pois, uma vez que se desloca a outra pessoa da condição de sujeito para concebê-la como “produto”, tende-se a um “descarte” ou “troca” sem muita dificuldade (LIPOVETSKY & CHARLES, 2004). Percebe-se que tais concepções se refletem nas relações interpessoais no mundo hoje e que trazem consequências tanto para o indivíduo como também para os seus pares.

A esse respeito, Retondar (2007) aponta em seus estudos que o campo da atividade consumista deixa de ser espaço da atividade econômica para se constituir enquanto campo de produção de significados e formas simbólicas. O autor pontua que

[...] consumir passa a ser percebido como processo de mediação de relações sociais, transfigurando através desta atividade, conflitos políticos, de gênero, distinções étnico-raciais, reprodução de valores entre um conjunto de outros elementos que são sustentados ou negados simbolicamente no interior deste campo (RETONDAR 2007, p. 139).

Além disso, outro aspecto da pós-modernidade influente na subjetividade humana, muito discutido nos escritos de Bauman (2011), é o caráter virtualizado que as relações interpessoais acabam absorvendo da forma de envolver-se nas redes sociais. Conforme o autor, as relações são agora “conexões” que na mesma medida que se estabelecem com muita facilidade, se desfazem na mesma proporção, fazendo com que tudo seja breve, superficial e descartável. As relações, neste momento histórico, já incluem desde seu início a possibilidade de serem rompidas a qualquer momento. Diante disso, de acordo com Bauman (2007 *apud* RODRIGUES, 2010), as pessoas estão desaprendendo a se relacionar tornando-se cada vez mais angustiadas, solitárias, individualistas e sedentas de contato, ao mesmo tempo em que não querem abrir mão da liberdade e autonomia que a pós-modernidade lhes trouxe.

Assim, atravessado por todas estas tangentes anteriormente citadas, a saber: a fragilidade e superficialidade dos relacionamentos, a transformação dos sujeitos em mercadorias descartáveis e o individualismo, o quadro líquido moderno se constitui. Este quadro repercute na subjetividade humana de maneira geral, ou seja, na construção da identidade dos sujeitos, em seus relacionamentos e, sobretudo, nas formas de sofrimento psíquico.

A respeito das identidades, partindo do pressuposto que sua construção ocorre de uma forma histórico-dialética (CIAMPA, 2004; VYGOTSKY, 1991) podemos considerar possíveis efeitos que a modernidade líquida exerce sobre tal. Ciampa (2001 *apud* LIMA, 2014) pontua que as identidades configuram-se a partir das relações sociais. Para o supracitado autor, “a identidade funda-se numa abordagem dialética onde os aspectos individuais se relacionam com os aspectos sociais, políticos, econômicos e históricos” (LIMA, 2014, p.99). Em outras palavras, o homem determina-se por meio de um conjunto de relações sociais e a identidade como produto de uma construção contínua.

Ainda nesta perspectiva, os escritos de Cugini (2008 *apud* PIVETTA *et al* 2012, p. 343), reforçam o caráter histórico-social da identidade, quando o autor pontua que “a identidade pessoal não se constrói de forma isolada, mas, na sociedade, e nela os relacionamentos afetivos têm importância fundamental”.

Nessa ótica, Bauman (2009) afirma que neste processo líquido moderno de inovações emerge uma identidade diferenciada, que não tem mais um modelo próprio definido para seguir, como na época da modernidade, por exemplo; e, por esse motivo, o ser humano atravessa um processo de crise identitária. Assim, em um contexto em que a sociedade caracteriza-se como fluida, pela ausência de relacionamentos afetivos de qualidade, o procedimento formativo das identidades pessoais pode ser comprometido. Um mosaico de contatos líquidos e superficiais toma o lugar dos relacionamentos sólidos, causando um movimento no qual a presença do outro não convoca uma interação social diária e direta. Esta interação, conforme Cugini (2008), é fundamental para o desenvolvimento da identidade pessoal que, no mundo líquido, está sendo descartada e substituída.

Conforme visto anteriormente, a marca de instantaneidade da modernidade líquida saiu do campo mercadológico e introjetou-se na subjetividade humana, o que contribuiu na formação de indivíduos cada vez mais isolados, inseguros e ansiosos. Tal cenário tem causado, além de uma confusão nos sujeitos no que diz respeito ao processo de construção identitário e vincular, um aumento do número de pessoas em sofrimento psíquico, em grande

parte decorrentes de relações interpessoais superficiais, bem como dos padrões de referência em uma cultura que se transforma de forma muito rápida.

Como exemplo de tal realidade, pode-se citar a forma como os imperativos de padrões de beleza e a busca frenética por resultados rápidos podem influenciar no desenvolvimento de transtornos de distorção de imagem e transtornos alimentares, sobretudo na adolescência (FREIRE & ANDRADA, 2012; BERNARDES, 2010; MATTOS, 2006). Além disso, a insegurança, as preocupações inclinadas para o futuro, o isolamento e insatisfação com a vida, podem estar na base de muitos transtornos de humor e de ansiedade (ESTEVES e GALVAN, 2006; MACIEL, 2002; MERQUIOR, 2004).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2010), uma em cada quatro pessoas no mundo sofrerá uma condição de saúde mental na sua vida. O que implica pontuar, que 1/4 (um quarto) da população mundial, em determinado momento da vida, irá deparar-se com o sofrimento psíquico a ponto de vivenciar perturbações mentais e comportamentais. Ainda sobre esse respeito, o relatório mundial da saúde prevê, de acordo com pesquisas, um crescimento do peso representado por essas perturbações até 2020 (Relatório Mundial da Saúde 2001, p.48). No que se refere aos transtornos alimentares, a OMS pontua seu aumento entre os jovens, especialmente devido ao constante apelo da mídia em relação à busca por um determinado padrão de beleza e consumo, muitas vezes inalcançável. Além disso, em uma folha informativa atualizada em 2017, a OMS trouxe dados acerca de transtornos como a depressão, que segundo a Organização, globalmente, estima-se que 300 milhões de pessoas são afetadas por essa condição. Além da depressão, a entidade indica que, ao redor do mundo, 264 milhões de pessoas sofrem com transtornos de ansiedade, uma média de 3,6%. O número representa uma alta de 15% em comparação a 2005. Em relação ao do transtorno bipolar, estima-se que afeta cerca de 60 milhões de pessoas em todo o mundo.

Frente ao exposto, percebe-se que o mundo contemporâneo sofre impactos de uma transitoriedade que assola as relações e a subjetividade, produzindo sofrimentos que fundamentam muitos transtornos psíquicos. Nesta perspectiva, observa-se no homem atual uma certa dificuldade em se voltar para uma existência fundada tão somente numa liberdade experiencial, conforme afirma a psicologia humanista de base rogeriana. Portanto, temos como produto da modernidade líquida, tal qual advoga Bauman, uma extrema dificuldade de apropriação do homem a sua experiência. Torna-se necessário, então, uma análise do que venha a ser liberdade experiencial e sofrimento psíquico de acordo com a visão centrada na pessoa, que será disposta no próximo tópico.

### 3. O SOFRIMENTO PSÍQUICO E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA DE CARL ROGERS

A psicologia de base humanista emerge entre o fim da década de 50 e início dos anos 60, nos Estados Unidos, em contraponto a perspectiva de compreensão de homem defendida pelas psicologias oficiais da época, o behaviorismo e a psicanálise clássica. Para o humanismo, os pressupostos dessas correntes eram reducionistas e deterministas. E, em oposição, propunha uma psicologia mais voltada para o homem, objetivando questões a respeito da pessoa integral (AMATUZZI, 2001; BEZERRA & BEZERRA, 2012).

Para Moreira (2007 *apud* BEZERRA & BEZERRA, 2012), o ser humano no humanismo é configurado como uma totalidade complexa, em processo, em devir, um ser implicado e configurado em seu ambiente, seja este físico, fenomenológico, experiencial, relacional ou sócio-histórico cultural.

Em concordância com visão humanista de ser humano, a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), desenvolvida por Carl Rogers (1977), propõe uma perspectiva psicológica alicerçada em duas proposições: 1) a existência de uma tendência atualizante no ser humano de compreender a si mesmo e resolver os seus problemas de modo suficiente para alcançar um funcionamento adequado; 2) a necessidade de um ambiente que possibilite o exercício desta tendência, este ambiente, segundo a teoria, seria um espaço de relações humanas favoráveis a valorização do “eu”, ou seja, um cenário de relações que não ameacem ou desafiem a concepção que o sujeito faz de si mesmo (BRODLEY, 1998; ROGERS & KINGET, 1977).

A noção do eu é um importante conceito dentro da teoria centrada na pessoa. De acordo com Rogers (1977), a noção que o sujeito tem de si caracteriza-se como uma estrutura perceptual, ou seja, “é um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo” (ROGERS & KINGET, 1977 p. 44). O “eu” captura percepções que formam características, atributos, qualidades e defeitos, valores e relações que o indivíduo reconhece como características de si mesmo e de sua identidade. Ressalta-se que a noção do eu é constituída a partir da experiência da pessoa diante de um existir, o que denota seu caráter plenamente experiencial.

De acordo com Rogers (1977), para que a ação diretriz da noção do eu possa exercer-se de maneira satisfatória, sendo conduzida a satisfação subjetiva do indivíduo e a eficácia de seu comportamento, é necessário que esta noção seja realista. E o que valida seu realismo é seu fundamento na experiência autêntica do indivíduo, isto é, naquilo que ele realmente

experimental. E a condição imprescindível para esse fundamento autêntico é a liberdade experiencial.

Esta liberdade consiste no fato de que o indivíduo se sente livre para acessar o reconhecimento e a elaboração de suas experiências e sentimentos pessoais como ele o entende. Nas palavras do teórico, “supõe que o indivíduo não se sinta obrigado a negar ou a deformar suas opiniões e atitudes íntimas para manter a afeição ou o apreço das pessoas importantes para ele” (Rogers & Kinget, 1977, p. 46). Na acepção rogeriana, a liberdade experiencial está em exercício quando o sujeito percebe que é permitido expressar-se, ser quem se é, sem reprimir o seu “eu”. Este movimento de expressar-se sem repressão e ameaças consistiria em uma vivência autêntica, o que nas palavras de Rogers caracterizaria a congruência. Em contrapartida, um distanciamento da liberdade experiencial e da autenticidade, seria equivalente a uma condição de incongruência e sofrimento psíquico.

No que se refere à incongruência, Santos (2005) explica que seu surgimento se apoia na necessidade de consideração positiva, que é acoplada à pessoa desde o seu nascimento. Desde a infância, o ser humano sente a necessidade de ser aceito, ou seja, considerado em sua singularidade de experiência. Contudo, quando determinados elementos da sua experiência (desejos, sentimentos, necessidades...) são associados ao sentimento de perda desta aceitação, pode haver um distanciamento da consciência desses elementos, ou até mesmo uma distorção do seu significado, de modo a possibilitar a manutenção de um conceito de si como sendo alguém indigno de aceitação e afeto. Assim,

a ação destes processos defensivos é acompanhada pela interiorização dos valores ou normas que servem de referência ao outro para classificar os elementos em causa como sendo aceitáveis ou não. O self que se vai elaborando sob tais condições de valor estará, em maior ou menor grau, afastado da realidade global da pessoa – estado de incongruência. A imagem de si é, então, falseada; são utilizados critérios de avaliação da experiência própria que, tendo sido introjetados diretamente de outrem, não são adequados à especificidade daquele indivíduo. (SANTOS, 2005, p. 21).

Desse modo, os sujeitos têm os parâmetros reguladores de seu comportamento distanciados de seus próprios critérios e objetivos. Consequentemente, o modo como se auto avaliam e o senso de análise para compreender o caráter prejudicial ou benéfico de situações ou experiências podem ser prejudicados, até mesmo os passos a caminhar para a resolução das suas dificuldades, será conduzido a opções inadequadas e, portanto, a sentimentos de insatisfação, incapacidade, desacordo e sofrimento (SANTOS, 2005; ROGERS & KINGET, 1977).

Nesse sentido, partindo da premissa de que o sofrimento psíquico emerge de um contexto no qual não há espaço para o livre exercício da autenticidade. Os dados contemporâneos que diagnosticam um crescimento de perturbações mentais representam uma fotografia de uma época histórica promotora de ambientes que inviabilizam o contato dos indivíduos com a liberdade de elaborar suas próprias experiências.

Em um contexto líquido moderno, cenário de nortes liquefeitos e bombardeio de imperativos de como se deve ser. Manter-se em funcionamento de acordo com uma liberdade experiencial e, conseqüentemente, com uma congruência, torna-se uma realidade que exige cada vez mais esforço. Uma vez que, neste cenário, as crises de identidade estão em auge, e os relacionamentos de caráter superficial permitem cada vez menos a demonstração de aspectos do “eu”. Como consequência, percebe-se que as pessoas se veem mais isoladas em suas experiências com dificuldades em existir, tendo em vista os referenciais de pessoas e relacionamentos que a toda hora se estipula por meio da cultura.

Diante disso, frente à captura de sua liberdade experiencial realizada pelo modo de funcionar líquido moderno, os sujeitos “mergulham-se” cada vez mais no sofrimento psíquico, por localizaram-se cada vez mais distantes de vínculos e relações promotoras de vivências fundamentadas na autenticidade. A ideia de sofrimento psíquico que se configura aqui é caracterizada por uma extrema dificuldade do homem atual em vir a ser de acordo com sua experiência tal qual já se ressaltava na perspectiva fenomenológico-existencial e se confirma com a psicologia humanista centrada na pessoa de Carl Rogers. De acordo com Forghieri (2004), a psicopatologia fenomenológica é caracterizada por uma restrição de possibilidades entre a pessoa e o seu mundo, ou seja, quando o ser humano não dispõe de forma livre de possibilidades em se relacionar consigo e com o mundo, este homem estaria experimentado uma forma de ser deficiente e limitada o que lhe traria um estado de doença existencial.

Contudo, em oposição a esse modo operante, a psicoterapia rogeriana propõe, através de atitudes facilitadoras do terapeuta, favorecer um ambiente que possibilite o contato do cliente com a experiência de ser compreendido e aceito incondicionalmente, sem precisar preocupar-se em mascarar seus sentimentos e experiências. A proposta psicoterápica centrada na pessoa teria um caráter experiencial onde o objetivo se foca numa busca de vivência do homem em sua inteireza de ser sem se restringir a padrões ou normatividades impostas. Entretanto, como desenvolver um processo psicoterápico em um contexto cultural de relações líquidas que pouco traduzem a experiência humana em sua essência? Há algum possível efeito da liquidez pós-moderna capaz de infiltrar-se no processo psicoterápico proposto na

ACP? Se sim, será esse capaz de furtrar a impulsão da clínica rogeriana? Pretendemos dispor a seguir a discussão de tais questões.

#### **4. AS IMPLICAÇÕES DA LIQUIDEZ MODERNA BAUMANRIANA NO *SETTING* TERAPÊUTICO ROGERIANO**

A Abordagem Centrada na Pessoa tem todo seu processo atravessado pela relação terapêutica. Para Natiello (1994), Rogers considera esta relação como entidade em si mesma e acredita nela como facilitadora do crescimento e mudança do sujeito em sofrimento psíquico. Sendo assim, o modo como vincula-se o terapeuta e o cliente repercute diretamente no processo psicoterápico.

Nesse sentido, considerando que o vigor terapêutico atribui-se a relação e posta a conjuntura liquefeita da pós-modernidade – que aponta o caráter superficial dos relacionamentos e das identidades – discutir em que medida este cenário toca o vínculo terapeuta/cliente torna-se fundamental.

De acordo com a ACP, o processo psicoterápico acontece a partir de atitudes desenvolvidas pelo terapeuta que fazem emergir uma atmosfera favorável a promoção do progresso do cliente. Para o alcance de tal atmosfera, alguns princípios a condicionam e, muitos deles, posicionam-se em contrapartida ao mundo pós-moderno, por proporem promover em sua execução o enaltecimento da liberdade de experiência dos indivíduos.

Assim, mesmo considerando a existência de diversos possíveis princípios da Abordagem Centrada na Pessoa, atravessados pelo que dispõe o quadro líquido moderno, optamos por tencionar uma discussão acerca da não-diretividade e as atitudes facilitadoras cabíveis ao terapeuta, com a finalidade de, a partir destas noções, observar a postura contrastante que as mesmas adotam frente aos fundamentos funcionais da pós-modernidade e viabilizar a discussão de provável efeito no *setting* terapêutico.

A noção de não-diretividade proposta por Rogers alicerça-se na premissa que o indivíduo é plenamente capaz de conduzir seu processo. Nessa perspectiva, o concede espaço para dirigir o percurso mais eficiente até as questões que o angustiam, retirando assim o terapeuta de um lugar intervencionista e opinativo. Contudo, a não-diretividade não é sinônimo de inatividade ou indiferença, pois como bem coloca Rogers (1977), a não-direção, nesta concepção, está inspirada numa atitude incondicionalmente positiva em que o terapeuta empenha-se no processo da terapia e procura não perturbar-lhe o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, esforça-se em facilitá-lo. Desse modo, esta noção liga-se, essencialmente, a

abstenção de juízos de valor, posicionando-se de maneira totalmente paralela ao cenário social pós-moderno, responsável pela propagação de diversos imperativos moduladores das subjetividades, comportamentos e relacionamentos.

Todavia, os sujeitos na vivência de sofrimento psíquico, que equivale a uma condição na qual a liberdade experiencial foi capturada por um ambiente de repressão, quando encaminhados a psicoterapia e, conseqüentemente, ao contato com um cenário que propõe garantir-lhe o oposto, pode em certa medida, tornar-se receoso e fazer surgir uma barreira de resistência, pois, por estar tão cotidianamente inserido em um espaço de diretividade e não aceitação, deparar-se com um contexto que o concede viver sua própria experiência pode soar inicialmente como algo inalcançável, até que se possa compreender que a relação terapêutica é diferenciada das relações interpessoais na cultura externa ao *setting*.

Para Rogers (1977), o que torna a relação entre terapeuta e cliente diferenciada das demais é seu caráter terapêutico. Para adquirir este caráter é necessário que o cliente reconheça em seu terapeuta três atitudes facilitadoras, a saber: 1) Aceitação positiva incondicional, que configura-se em aceitar veementemente cada aspecto da experiência do cliente e implica um cuidado não-possessivo, que nota-se quando a terapeuta respeita a liberdade do cliente, e apesar da condição de sofrimento de cada sujeito investe-se crédito em sua tendência a atualização; 2) Congruência ou Autenticidade, que significa ser uma pessoa integrada com a sua experiência real acuradamente representada em sua consciência. A pessoa está congruente quando ela está sendo livre e profundamente ela mesma, quando está vivenciando abertamente os sentimentos e atitudes que estão fluindo de dentro dela; 3) Compreensão Empática, que significa perceber acuradamente o quadro interno de referência da outra pessoa como se fosse o seu próprio, com os seus significados e componentes emocionais, mas sem, perder a condição de “como se”.

No entanto, mesmo frente a um cenário facilitado por um terapeuta com tais atitudes e pautado pela não-diretividade, ainda é possível encontrar clientes na vivência de terapia, convocando o julgamento do terapeuta, sua aprovação, suas críticas, orientações e direcionamentos, esperando deste profissional a repetição do que comumente recebe em outros tipos de relações. Tal realidade coloca a psicoterapia centrada na pessoa um desafio para a transformação das relações atuais que se colocam. Braga e Vandenberghe (2006), apontam para uma possível emissão de um comportamento rígido dentro do contexto da relação terapêutica, por esta guardar uma similaridade funcional com o ambiente da vida diária do cliente.

Nesse sentido, podemos considerar que os indivíduos por encontrarem-se familiarizados à submissão a direcionamentos de terceiros sobre como deve ser, sentir, consumir e relacionar-se, ao serem introduzidos a um ambiente que os solicita um movimento de gozo em sua liberdade experiencial, podem apresentar como resposta uma certa rigidez ou mesmo resistência ao processo de terapia. Assim sendo, é nesta dimensão que acreditamos que o funcionamento líquido moderno é capaz de infiltrar-se no *setting* terapêutico favorecendo uma rigidez a relação entre terapeuta e cliente.

Nessa perspectiva, apesar de considerarmos a existência de uma rigidez ao processo que independe dos atravessamentos da pós-modernidade, por já existirem registros de Rogers (1977), no qual o autor já teoriza acerca de uma rigidez “natural” ao ser humano, caracterizando como uma das fases que o cliente movimenta-se no processo de terapia. Acreditamos que a pós-modernidade e todas suas tangentes (fragilidade vincular, modo de funcionamento pautado no consumismo, superficialidade de referências, etc.) possivelmente viabilizam um reforço a esta rigidez já presente. Em outras palavras, acreditamos que o modo líquido de funcionamento pode alavancar uma austeridade da parte do cliente, partindo do pressuposto que nosso comportamento, nossa subjetividade e nossa forma de relacionar-se são influenciados pelo social (SAVOIA, 1989; RAMOS, 2003), aquilo que compõe a modernidade líquida repercute na psicoterapia, sobretudo a de base centrada na pessoa devido seu teor relacional. E não somente no que se refere ao cliente, o terapeuta é também crivado por este mundo líquido, uma vez que assume um papel de catalisador da relação e responsabiliza-se a ser o militante direto de um espaço favorável a autenticidade. Sendo assim, se já reside dureza para abrir-se ao encontro terapêutico por parte do cliente, não seria igualmente custoso ao terapeuta incube-se do convite ao encontro?

Todavia, mesmo frente um panorama tão desafiador posto pela supracitada liquidez e seus atravessamentos, o sujeito moderno-líquido – seja ele cliente ou terapeuta – segue sendo um ser relacional (HYLCNER, 1997) que, apesar de uma possível resistência e de um possível desafio, permanece em alguma medida concedendo a clínica rogeriana a abertura para seguir marchando de forma impetuosa, em prol da construção de um espaço no mundo que permita aos indivíduos a vivência da autonomia de ser quem se é.

Desse modo, onde reside o desafio da ACP em tempos de pós-modernidade reside também a potencialidade da clínica rogeriana por propor aos sujeitos o espaço de favorecimento a autenticidade que lhe falta no contexto líquido moderno. Uma vez que, durante um caminhar juntos de terapeuta e cliente, um vínculo afetivo pode ser solidificado e através disso a vivência de encontro pode ser experimentada. Essa vivência, apesar de única,

pode sempre ser capaz de transcender um *setting* terapêutico. E conforme Roustag (2000) tornar-se um espaço onde o sujeito pode experimentar transformar, significar e re-significar suas experiências de forma autêntica e espontânea, a fim de diante do amparo oferecido pela segurança dessa relação, poder em alguma medida reencontrar-se consigo, sua história, seus vínculos e assim experimentar a potente cura pelo encontro verdadeiramente sólido entre dois seres humanos como pessoas (FONSECA FILHO, 1980; ROGERS 1977;).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutiu-se neste trabalho sobre os efeitos do modo de funcionamento líquido-moderno no *setting* terapêutico rogeriano. Através da bibliografia pesquisada, percebeu-se que a modernidade líquida promove mudanças em noções fundamentais e constitutivas da identidade dos sujeitos, sua subjetividade e seu modo de desenvolver relacionamentos.

Desse modo, na medida em que a maneira de ser no mundo dos indivíduos é tangenciada pelo funcionamento social (que na modernidade líquida comunga de uma lógica pautada pelo consumismo, a virtualização, a superficialidade nos relacionamentos, a volatilidade das identidades e a captura da facilidade de viver-se a apropriação de sua própria experiência), o *setting* terapêutico também atravessa-se por tal, uma vez que, o processo proposto pela ACP depende da lida com esses sujeitos, acostumados a liquidificar seus vínculos e distanciados de uma vivência congruente. Estes, conseqüentemente adoecidos psiquicamente, mostram-se inicialmente rígidos a um movimento que os convoque a um encontro capaz de facilitar uma vivência autêntica.

Nessa perspectiva, vimos o desafio que a lógica pós-moderna impõe também ao convoca(dor) do encontro, terapeuta, ser em relação, igualmente incitado pelas imensas “ondas liquidificantes” desse tempo histórico, mas que quando decide pela força da relação terapêutica promove, junto ao cliente, solidificação.

Finalmente, o sentimento é de que as reflexões abordadas nesse trabalho não foram esgotadas e representam apenas o esboço de um pensamento a ser mais explorado. Espera-se, entretanto, ter contribuído no despertar de uma ótica capaz de enxergar o desafio que a pós-modernidade lança à clínica rogeriana, não enquanto um entrave paralisante, mas como uma oportunidade da mesma executar sua potência, que reside no desafio de convocar os homens líquidos a um encontro com a solidez.

## 6 REFERÊNCIAS

A ANOREXIA e a bulimia já atingem 1% e 5% das mulheres no mundo. **Correio Braziliense – ciência e saúde**, Brasília, n. Disponível em: [≤https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2009/07/09/interna\\_ciencia\\_saude,125004/a-anorexia-e-a-bulimia-ja-atingem-1-e-5-das-mulheres-no-mundo.shtml≥](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2009/07/09/interna_ciencia_saude,125004/a-anorexia-e-a-bulimia-ja-atingem-1-e-5-das-mulheres-no-mundo.shtml). Acesso em: 19 de outubro de 2018.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. P. Dentzien. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. C. A. Medeiros. (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

\_\_\_\_\_. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

BERMAN, M. (1987). **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

BERNARDES, Tassiana. **Adolescência, Mídia e Transtornos Alimentares**: uma Revisão Bibliográfica. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) Uruguaiana: UNIPAMPA, 2010.

BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, v. 4, n. 2, p. 21-36, 2012.

BRAGA, Gasparina Louredo de Bessa; VANDENBERGHE, L. Abrangência e função da relação terapêutica na terapia comportamental. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 23, n. 3, p. 307, 314, 2006.

BRISSOS LINO, J. O paradigma rogeriano da pessoa como centro: na perspectiva da liberdade pessoal. **Rev. A Pessoa como Centro**, CIDADE, n. 7, p. 53-63, 2001.

BRODLEY, B. O conceito de tendência atualizante na teoria centrada no cliente. **Rev. A Pessoa como Centro**, n. 2, p. 37 – 49, 1998.

COLOMBO, Maristela. Modernidade: a construção do sujeito contemporâneo e a sociedade de consumo. **Rev. bras. Psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 25-39, 2012.

CUGINI, Paolo. Identidade, afetividade e as mudanças relacionais na modernidade líquida na Teoria de Zygmunt Bauman. **Diálogos Possíveis**, v. 7, n. 1, 2014.

CHADE, Jamil; PALHARES, Isabela. Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo, diz OMS. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

COELHO, Heidi Miriam Bertolucci. **O vínculo no tratamento psíquico: descoberta, construção e desenvolvimento**. 2002. 334 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2002.

ESTEVES, Fernanda Cavalcante; GALVAN, Alda Luiza. Depressão numa contextualização contemporânea, **Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 127-135, 2006.

FIGUEIREDO, Evelyne Fauguet. **Vínculos e psicoterapia: a linguagem silenciosa**. 2005. 55 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2005.

FONSECA FILHOO, J.S. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Agora.1980.

FORGHIERI, Y, C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.

FREIRE, Dirce de Sá; ANDRADA, Bárbara Costa C. A violência do/no corpo excessivo dos transtornos alimentares. **Cad. Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 26, p. 27-36, 2012.

LIMA, Flávio Lúcio Almeida. **Construção da identidade paterna: repercussões no pré-natal masculino**. 2014. 239 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. M. Vilela. (Trad.). São Paulo: Barcarolla, 2004.

Maciel, M. R. Depressão e Criatividade do Indivíduo Contemporâneo. **Cadernos de psicanálise, Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Ano 24, n. 15, p. 111-123, 2002.

MATTOS, J. M. **Os aspectos sócio culturais dos transtornos alimentares na constituição da subjetividade de mulheres portadoras destes distúrbios**. Orientadora: Leila Sanches de Almeida. Rio de Janeiro: UFRJ/ CFCH/ IP/ EICOS, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social), 2006.

MERQUIOR, M. **O cenário contemporâneo: violência e drogadição entrelaçando contextos de subjetivações**. 2004. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs28/28Marcia.htm>>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Folha informativa dos transtornos mentais atualizada em 2018**. Disponível em:

<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transornos-mentais&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transornos-mentais&Itemid=839)>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

PIVETTA, D.; MATOS, L.; ALEXANDRE, I. Crise de identidade do sujeito. **Eventos Pedagógicos**. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/641/502>>. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

RAMOS, Arthur. **Introdução à psicologia social**. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

ROGERS, C. E.. **Terapia centrada no cliente**. Lisboa: Editores Moraes, 1951.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e Relações Humanas**, v. 1, Belo Horizonte: Interlivros, 1977a.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e Relações Humanas**, v. 2, Belo Horizonte: Interlivros, 1977b.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5 e 6, 2007.

ROUSTANG, F. **Influence**. Paris: Les Editions de Minuit, 2000.

SANTOS, Cecília Borja. Abordagem centrada na pessoa - relação terapêutica e processo de mudança. **PsiLogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, v. 1, n. 2, p. 18-23, 2004.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

NATIELLO, P. (1994). *The collaborative relationship in psychotherapy*. The Person-Centered Journal.

LANE, S. T. & CODO, W. (Orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 58-75, 1986.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RELATÓRIO MUNDIAL DA SAUDE. **Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Disponível em: <[http://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_po.pdf](http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_po.pdf)>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.